

A LITERATURA COMO ATIVIDADE INVESTIGATIVA PARA A SUPERAÇÃO DO COTIDIANO

**Sandra Aparecida Pires Franco*

***Rosângela Miola Galvão de Oliveira*

RESUMO: A pesquisa é um recorte da dissertação do Mestrado em Educação, no qual a autora investiga as contribuições da Literatura e o uso dos gêneros textuais para a leitura crítica dos estudantes do Ensino Fundamental. A base teórica que fundamenta o trabalho é o Materialismo Histórico e Dialético. Os participantes da pesquisa foram alunos do 8º e 9º anos de três instituições públicas de ensino da região norte do Paraná. Após o trabalho em sala de aula com projetos de intervenção em leitura, elaborados pelos integrantes do projeto OBEDUC/UEL Educação, os alunos foram convidados a ler um poema e identificar os diferentes determinantes presentes no discurso do texto e justificar criticamente suas escolhas. Percebe-se na análise dos testes de leitura crítica que os alunos possuem uma leitura ingênua do poema, apesar da identificação dos principais determinantes no texto.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Leitura. Materialismo.

INTRODUÇÃO

A Literatura, ao longo da história, serviu como meio de expressão da cultura dos povos, de representação do modo de vida das pessoas, como, também, de amparo aos anseios e desejos do homem em cada época. A Literatura consegue aguçar a imaginação do ser humano que muitas vezes busca nos livros a resposta para as incertezas da vida. Nesse sentido, dentre as inúmeras contribuições da Literatura para a formação humana, o foco desta investigação se pautou no uso do texto literário para a melhoria da leitura crítica do aluno.

A pesquisa é um recorte da dissertação do Mestrado em Educação, em andamento, na qual houve a utilização de Atividades de leitura crítica para os alunos com o uso de vários gêneros textuais, dentre eles a poesia, sendo que o resultado desta atividade de leitura será apresentado neste artigo. O critério para a apresentação do recorte deu-se mediante a importância da Literatura para o desenvolvimento da leitura e, conseqüentemente, da linguagem para o desenvolvimento humano, sendo a temática um dos vários componentes estudados na pesquisa que possui o objetivo de conceber alguns fatores que interferem na leitura dos alunos.

* Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. Graduada em Pedagogia e Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Professora na área de Didática e no curso de Mestrado em Educação da UEL/Pr. Email: sandrafranco26@hotmail.com

** Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Especialização em Gestão Educacional pela UNIVALE. Graduação em Letras e Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Londrina. E-mail: rmgalvao2012letras@gmail.com

Os autores selecionados para o artigo são estudiosos representativos do materialismo e que fundamentam seus estudos em uma visão de ensino para a formação humana do estudante que vai além da escola. A abordagem teórica se pauta principalmente nos estudos que contemplaram o desenvolvimento de novas formas de compreensão literária de cunho formativo e não estruturalista. A escolha pelo uso das obras de Antonio Candido como referência ao entendimento do que seja Literatura ocorreu a partir da concepção do autor de que a Literatura sofre influências histórico-sociais em sua evolução.

Para um melhor entendimento da investigação, o artigo foi dividido em três momentos. No primeiro momento será apresentada a concepção de Literatura numa aproximação da perspectiva do Materialismo Histórico e Dialético como forma de superação da leitura superficial que muitas vezes o homem realiza. No segundo momento, será enfatizada a contribuição dos gêneros textuais para a melhoria da leitura, sendo seu ensino um meio de desvelamento das intencionalidades dos discursos. Finalizando o artigo, será apresentado alguns dos resultados obtidos durante a aplicação de Atividades de leitura crítica com estudantes do Ensino Fundamental baseadas no gênero textual poesia.

LITERATURA COMO SUPERAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. (EAGLETON, 2003, p. 22).

Na tentativa de uma definição de Literatura, Eagleton (2003) começa por descrever a concepção de Literatura pela visão dos formalistas russos. Para eles, a Literatura podia ser entendida pelo uso de uma linguagem peculiar, não comum, não rotineira, mais lapidada. Para esta corrente, a literatura seria “[...] uma organização particular da linguagem” que se desvincula dos conceitos abstratos difundidos até então. Segundo os autores adeptos desta corrente as obras literárias possuíam um fato material, o texto, sendo a forma a preocupação central destes estudiosos. (EAGLETON, 2003, p. 3).

A visão focada apenas na forma se contrapõe ao entendimento mais amplo do texto, para esta mudança seria necessário, conforme Candido (2006), superar a dicotomia entre uma leitura externa da obra literária, que exaure a obra nos seus

condicionamentos sociais, e uma leitura interna, que autonomiza o texto, salientando o gênio criativo do autor, para conceber a obra literária como um conjunto de fatores.

Mais tarde, os formalistas passaram a observar as funções presentes no texto, sendo estas, por exemplo: o ritmo, o som, a sintaxe, a rima. Percebeu-se, desta forma, que a linguagem podia ser trabalhada de modo a causar um estranhamento ao leitor, ou seja, uma maneira diferente de trabalhar a linguagem que vai além do uso comum da língua. Para Eagleton (2003, p. 5): “[...] o discurso literário torna estranha, aliena a fala comum; ao fazê-lo, porém, paradoxalmente nos leva a vivenciar a experiência de maneira mais íntima, mais intensa.”

Candido (2006, p.65) afirma que a literatura realiza o deslocamento entre o real e a fantasia por meio de estilos, observa-se uma veiculação entre a realidade natural e social e a fictícia. “Portanto, a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma *práxis* socialmente condicionada”.

Considerar como linguagem literária, a linguagem que não é comum, pode ser um erro, pois não existe uma unificação histórica da linguagem, o que é comum hoje pode não ser amanhã e provavelmente não era no passado, a própria evolução da língua é um exemplo, assim a medida de comparação não serve como parâmetro de análise. Por isso, classificar Literatura pelas diferenças, pelo estranhamento é desconsiderar os diversos usos, costumes presentes na língua, desta forma, “[...] seria considerar toda literatura como poesia”. (EAGLETON, 2003, p. 8).

Pode-se ainda considerar Literatura como discurso distante da prática, sem uma finalidade precisa, ou ainda, considerar que o valor dado por cada leitor ao que lê contribui para a classificação de uma obra como literária, sendo “[...] a maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido o caminho para a inserção de uma obra no rol de literária” (EAGLETON, 2003, p. 11). Neste contexto, considera-se a Literatura como “[...] um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que êstes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”. (CANDIDO, 2006, p. 86).

Por isso, muitas obras surgiram sem a intenção de se tornarem Literatura, como, também, muitas obras tornaram-se Literatura mediante o contexto histórico em que surgiram. Destarte os julgamentos de valor parecem ter relação com o que é ou não Literatura, podendo estes ser de entidade não estável, pois o juízo de valor muda e o contexto histórico contribui para a mudança de conceitos sobre uma obra. Os elementos que antes eram

valorizados em um período por uma sociedade com preocupações e objetivos característicos e necessários àquele momento, pode diferenciar-se dos quesitos considerados importantes pela atual geração. Ou seja, todas as obras literárias “[...] em outras palavras, são reescritas mesmo que inconscientemente, pelas sociedades que leem; na verdade, não há releitura de uma obra que não seja também uma reescritura” (EAGLETON, 2003, p. 17). Por isso, classificar uma obra como literária e não literária é instável.

Os juízos de valores sobre uma obra mantêm estreita relação com as ideologias sociais, sendo que “[...] eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros” (EAGLETON, 2003, p. 22). Estes posicionamentos acabam por revelar o motivo pelo qual existe a aceitabilidade de algumas obras em detrimento de outras, ou seja, os interesses estabelecidos no momento histórico contribuem como processo de afirmação das ideias e pensamentos da classe mais influente, a mais dominante. Candido (2006, p. 88, grifo do autor) analisa que “[...] se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é *mostrada* através da reação de terceiros”.

No caso da sociedade burguesa, Lukács (2009) indica a Literatura e a arte relacionadas a seu próprio solo social de modo que o desenvolvimento da arte e as contradições sociais, principalmente aquelas da sociedade civil-burguesa, são colocadas lado a lado. Para este autor, a Literatura expressa os anseios e desejos da classe dominante. No trabalho com as palavras, muitas vezes o escritor na Literatura cumpre um papel social que corresponde às expectativas do grupo profissional à qual pertence (CANDIDO, 2006).

Lukács (2009) afirma que o conceito de Literatura estaria atrelado ao trabalho, ou seja, na relação do trabalho com as objetivações do ser humano. Como exemplo pode-se considerar o ritmo. O trabalho humano com o ritmo passa de espontâneo para ser pensado e trabalhado pelo homem como produto social de sua ação. O ritmo está presente no gênero literário, principalmente na poesia, em que as palavras são trabalhadas para que o sentido sonoro das mesmas supere o sentido literal. Assim, a busca por ultrapassar o sentido cotidiano expressa a atividade consciente humana, ou seja, expressa o trabalho humano (FERREIRA, 2010).

Lukács (2009) vai contra a superficialidade das obras artísticas, principalmente, das que ignoram os problemas profundos, essenciais e decisivos de uma sociedade. Ao defender a essencialidade nas obras artísticas, Lukács (2003) considera que a

sociedade burguesa apresenta um apego ao imediatismo e ao culto do extraordinário que se desvincula da realidade e usa a sutileza e a deformação do discurso como recursos para disseminar a ideologia do poder.

Candido (2006) enfatiza que para entender o que é Literatura se faz necessário compreender qual a influência que o meio social possui sobre a obra de arte, e também, como a obra influencia o meio social, pois somente desta forma “[...] poderemos chegar mais perto de uma interpretação dialética, superando o caráter mecanicista que geralmente predominam” (CANDIDO, 2006, p. 28). Neste contexto, percebe-se que as inter-relações existentes entre o social e a obra literária permitem considerar a existência de uma construção coletiva, na qual cada parte delimita a outra.

[...] a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público’. Vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas. (CANDIDO, 2006, p. 33, grifo do autor).

Além da questão do juízo de valor ressaltado por Eagleton (2003), Candido (2006) considera as estratégias de comunicação como fortes influenciadores da obra literária, pois “[...] tanto quanto valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobretudo na forma, e, através dela, nas suas possibilidades de atuação, no meio” (CANDIDO, 2006, p. 41). Como exemplo de influência do meio na Literatura, tem-se os exemplos de gêneros surgidos a partir do jornal impresso, que “[...] criando gêneros novos, como a chamada crônica, ou modificando outros já existentes como o romance”, proporcionam um processo recriador com base nas necessidades humanas (CANDIDO, 2006, p. 43). Este processo faz com que o artista, ou o autor, se adapte a esses novos tipos de textos. Inclusive, muitos autores acabam por adaptar-se aos gêneros, como o romance comercial de forma a estabelecer-se no meio literário.

Ferreira e Duarte (2010) afirmam que o termo ‘catarse’, utilizado na Pedagogia Histórico-Crítica, estaria presente na relação entre o homem e o produto estético. De acordo com os estudiosos, a ‘catarse’ representa o momento da síntese, ou seja, expressa no caso do aluno a internalização dos conhecimentos científicos, sendo a catarse um dos cinco momentos propostos pela Pedagogia Histórico-crítica na organização do trabalho docente. Na Literatura, a catarse representaria o momento de superação das visões cotidianas e individualistas.

Determinar o que pode ou não ser considerado arte advém das opiniões coletivas e não das individuais, dos comportamentos relacionados às questões como: status, moda, ambiente, cultura, etc. Para Candido (2006, p. 46) “A sociedade, com efeito, traça normas por vezes tirânicas para o amador de arte, e muito do que julgamos reação espontânea de nossa sensibilidade é de fato, conformidade automática aos padrões”. Para Ferreira e Duarte (2010), a Literatura na perspectiva da estética marxista contribui para a formação humana, pois a arte literária se apresenta como legado cultural valioso e desenvolve no homem o senso de humanidade. Desta forma, para que o homem seja considerado completo, ser ontológico, existe a necessidade de inserção do mesmo na cultura, que abrange os conhecimentos científicos e os da arte. Baseados em Vigotski e Lukács, os estudiosos afirmam que a arte teria o papel de descortinar as intencionalidades do sistema capitalista.

Com relação aos papéis desempenhados pela obra-autor-público, Candido (2006, p. 47-48) considera que a obra literária é “[...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade individual”. Sendo que a linguagem se completa na inter-relação entre estes três componentes. Quando se refere à eficácia das obras literárias, Lukács (1968) enfatiza que seus autores revivem momentos passados, presentes e projetam perspectivas futuras como algo essencial à vida, não como mera reprodução do exterior, ou seja, exige do autor que ele se universalize, que vivencie outras épocas, na dialética interna do eu com o contexto em si estudado.

A função de humanizar da Literatura, para Cândido (2002), estaria na dualidade desta em exprimir o homem e contribuir de maneira significativa para sua formação. Para chegar a esta conclusão, Candido (2002) discute a Literatura a partir da junção entre função e estrutura. Dentre as funções que a Literatura cumpre na direção da formação do homem, está a psicológica, que ressalta a necessidade humana “[...] de ficção e de fantasia”, que ocorre de modo universal independente de faixa etária e ou classe social” (CANDIDO, 2002, p. 82). Esta necessidade se reflete nos vários usos dos gêneros textuais, desde os considerados mais simples aos mais complexos. A estrutura seria importante somente como marco diferenciador, identificador diante de demais obras, pois não se pode ler simplesmente buscando formas de classificação em uma obra, mas na busca e observação das diversas intenções e valores presentes na escrita.

A literatura propriamente dita é uma das modalidades que funcionam como resposta a essa necessidade universal, cujas formas mais humildes e espontâneas de satisfação talvez sejam coisas como a anedota, a adivinha, o

trocadilho, o rifão. Em nível complexo surgem as narrativas populares, os cantos folclóricos, as lendas, os mitos. No nosso ciclo de civilização, tudo isto culminou de certo modo nas formas impressas, divulgadas pelo livro, o folheto, o jornal, a revista: poema, conto, romance, narrativa romanceada. Mais recentemente, ocorreu o boom das modalidades ligadas à comunicação pela imagem e à redefinição da comunicação oral, propiciada pela técnica: fita de cinema, radionovela, fotonovela, história em quadrinhos, telenovela. Isto, sem falar no bombardeio incessante da publicidade, que nos assalta de manhã à noite, apoiada em elementos de ficção, de poesia e em geral da linguagem literária. (CANDIDO, 2002, p. 83).

Candido (2002) discorre também sobre a função formadora da Literatura. Nesta, segundo o crítico, o leitor não se isenta de sofrer influências das diferentes informações implícitas no texto, consideradas por ele de cunho educativo. As intencionalidades dos escritores presentes nas obras contribuem para novos olhares sobre a realidade, resultando em novas condutas ou pelo menos em uma reflexão sobre temáticas ainda não pensadas. A complexidade e ao mesmo tempo a riqueza de informações presentes nas obras, podem resultar em condutas ambivalentes por parte do professor que se sente inseguro diante de algumas discussões que tornam o ensino das obras literárias decadente em conteúdo. Candido (2002) defende que a Literatura não corrompe e nem edifica, mas ela humaniza o homem de maneira plena, o que para Lukács (1968, p. 272) seria o enriquecimento da personalidade humana, pois “[...] nenhum sujeito receptivo se encontra em face da obra de arte como *tabula rasa*”, mas a partir do maior contato com a cultura artística se desenvolve. Fato que revela a atuação dos conhecimentos anteriores no momento da leitura e escrita, a visão de mundo que pode ser ampliada mediante mais leituras.

A outra função destacada por Candido (2002) da Literatura seria a função social, que resulta da relação que o leitor estabelece entre a ficção e a realidade. Sabendo que as obras literárias são frutos de um dado momento histórico, seus conteúdos podem expressar deste o papel de humanizar até o papel de alienar. O leitor no momento da leitura estabelece relações entre o momento exposto na obra com o vivenciado por ele, mas pautado no outrem. As condutas apresentadas são mediadas pela estrutura da obra, para isto é preciso um equilíbrio entre a estrutura e a função social contida na obra.

Portanto, vale considerar que a função maior da Literatura seja tornar o homem cada vez mais humano, pois “[...] ao ler-se um texto, lê-se junto o homem e seu tempo, suas lutas e conflitos internos e suas lutas e conflitos externos, seus embates, dúvidas e certezas” (ADOLFO, 2007, p. 26). Desta forma, a Literatura contribui para a compreensão do ser humano, e, ao mesmo tempo, fornece subsídios para o entendimento das inquietudes do homem enquanto ser social.

A partir do entendimento da influência da Literatura na formação e desenvolvimento do homem, a pesquisa apresenta na seção seguinte algumas considerações sobre os gêneros textuais na concepção dialética, já que são essenciais à comunicação, à linguagem.

OS GÊNEROS DISCURSIVOS NO CONTEXTO DIALÉTICO

De acordo com o Dicionário Michaelis, o conceito sociológico da palavra ‘comunicação’ é processo pelo qual ideias e sentimentos se transmitem de indivíduo para indivíduo, tornando possível a interação social. Vista desta perspectiva, o principal objetivo da comunicação é contribuir para o convívio social, ou seja, não existe interação social sem a comunicação, assim como a comunicação só se faz por meio do contato social entre as pessoas, como afirma Rizo García (2006, p. 4), baseada na Sociologia fenomenológica, sem “[...] a interação não existem os sujeitos sociais, pois a construção de sentidos distintos sobre a realidade social requer, inevitavelmente, da interação”¹.

Porém, a ideia de que “[...] a comunicação verbal só é possível por algum gênero discursivo”, conforme Marcuschi (2002, p. 22), também é defendida por Bakhtin (2003). Para Bakhtin (2003) as pessoas aprendem a comunicar-se a partir dos gêneros, ou seja, existe uma grande variedade de gêneros capazes de demonstrar aos usuários da língua a melhor maneira de usá-la nos mais diferentes contextos. Para Marcuschi (2002, p. 22) “[...] esta visão segue uma noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva. Privilegia a natureza funcional e interativa e não o aspecto formal e estrutural da língua”.

Assim como ocorre com a língua em relação à variedade de dialetos e ao surgimento de novas formas de expressão, os gêneros discursivos apresentam formas primitivas em que os gêneros se baseiam e as novas formas que se constituem com o passar dos anos de acordo com as necessidades da comunidade na qual participam. Por isso, são estruturas consideradas relativamente estáveis, como afirma Bakhtin (2003, p. 262) “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos de gêneros do discurso”.

Bakhtin (2003) explica que o emprego da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, sendo utilizados por diferentes campos da atividade humana. Por isso, os gêneros se apresentam de forma heterogênea, pois refletem a realidade vivenciada em atividades diversas. A dificuldade em definir os gêneros discursivos advém da heterogeneidade dos enunciados, que se dividem em gêneros discursivos primários

¹ “Sin interacción no existen los sujetos sociales, dado que la construcción de sentidos compartidos sobre la realidad social requiere, inevitablemente, de la interacción” (RIZO GARCÍA, 2006, p. 4).

(simples) e secundários (complexos). Por complexos podem ser entendidos os romances, dramas, pesquisas científicas, em suma, os gêneros que advêm de relações culturais mais elaboradas, desenvolvidas culturalmente, em sua maioria de cunho artístico, científico e sociopolítico. A origem destes gêneros é atribuída à incorporação dos gêneros mais simples (BAKHTIN, 2003).

Os gêneros simples são frutos da comunicação imediata, partem da realidade concreta, da vida cotidiana. Bakhtin (2003) traz como exemplo o gênero romance, gênero complexo, mas que contém em sua estrutura o diálogo cotidiano, a carta privada, sendo ele a forma mais organizada e elaborada. A incorporação pode ser mais bem entendida quando se pensa no fator histórico e na relação entre linguagem e ideologia. O fator histórico estaria nas incorporações ao diálogo das relações humanas e suas objetivações e a influência da ideologia na linguagem, sendo as relações sociais advindas das atividades humanas, do trabalho, o ponto culminante deste processo. Por isso, Bakhtin (2003, p. 264) menciona que “[...] a própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia”.

A influência determinante do social na formação dos gêneros discursivos e, conseqüentemente, da linguagem, advém do fato de que “O gênero é, pois, submissão à ação humana, construído pela atividade do homem e na atividade do homem, mas não do homem individual, isolado, e sim do homem em sociedade” (PALOMINO, 2011, p. 4). O resultado das interações comunicativas dos homens é a organização de diferentes gêneros discursivos, que podem ser considerados modelos para a comunicação, que se modificam conforme as necessidades históricas de comunicação dos homens, assim como o próprio processo de conhecimento. Para Vigotski (2010) cada novo patamar de conhecimentos representa um novo ponto de partida, no qual novos conhecimentos são incorporados.

A vantagem de ter um modelo a seguir com uma estrutura flexível, é a de permitir ao usuário adaptá-la segundo suas necessidades. Um exemplo é o gênero carta, que pode ser considerado primitivo se comparado com o gênero correio eletrônico ou *e-mail*. Os dois possuem pontos comuns, comunicam algo a alguém, mas por meio de veículos de comunicação distintos. O primeiro gênero, a carta, gerou o segundo, o correio eletrônico. O segundo surgiu das adaptações segundo as necessidades da comunidade que criou. Por isso, o grande número de gêneros hoje em dia, baseados em gêneros já existentes.

Gênero discursivo é uma designação que diz respeito a todas e quaisquer manifestações concretas do discurso produzidas pelos sujeitos em uma dada esfera social do uso da linguagem. [...] são formas de funcionamento da língua, que nós sujeitos construímos e atualizamos na forma de texto, nas situações discursivas de que participamos. (SILVA, 1999 a, p.18).

Bakhtin (2003) ressalta a importância do conhecimento dos enunciados para o entendimento de que eles se dão a partir do concreto, pois “[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265). A partir deste conhecimento, pode-se acrescentar aos enunciados concretos: estilística e conclusibilidade.

Os estilos de linguagem estão relacionados às esferas da atividade humana e da comunicação científica, técnica, cotidiana, publicitária. Sendo que as mudanças históricas nos estilos de linguagem estão relacionadas às mudanças nos gêneros dos discursos, que em última instância refletem a sociedade. Conhecer a explicação histórica para as mudanças se faz fundamental já que as mudanças nos gêneros “[...] são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268).

A conclusibilidade de um enunciado se refere à percepção de que o enunciado transmite o fim daquilo que se queria dizer. Assim, conseguimos responder a ele. Para isto, o enunciado precisa transmitir o denominado por Bakhtin (2003) “tudo”, ou seja, o completo no sentido de informações para que seja respondido, sendo necessário possuir três elementos: exauribilidade do objeto ou sentido; projeto de discurso ou vontade de discurso do falante e as formas típicas composicionais e de gêneros do acabamento.

A exauribilidade pode ser entendida como a capacidade de se explorar um tema, um assunto de forma completa, ela está condicionada a exploração do tema pelo interlocutor que pode ser completa ou relativa. Completa quando bastam respostas pontuais para o seu entendimento global, como a resposta a um comando e relativa quando necessita da criatividade do locutor para a resposta. Por isso que Bakhtin (2003, p. 283) menciona que aprender a falar significa “aprender a construir enunciados [...]”, e para isto precisa dominar os diferentes gêneros do discurso para poder empregá-los livremente. O que elucida a questão do projeto de discurso mencionado anteriormente, pois o sujeito pode dominar alguns gêneros discursivos, mas ter completo desconhecimento de outros, o que gera desconforto e inabilidade na comunicação.

As palavras isoladas, a oração por si só, são neutras e podem expressar sentimentos, emoções, raivas, dependendo do contexto de produção. Somente quando expressa um sentido concreto, assim uma realidade de comunicação discursiva, a palavra

assume um sentido, um significado: “Eis por que a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros” (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Para Palomino (2011) a língua tem sua origem na atividade coletiva do trabalho. Com o tempo, a função comunicativa da língua se abstrai da forma produtiva para existir no pensamento. Desta forma, passa a fazer parte da consciência humana. Segundo ele, para Leontiev, não basta possuir o instrumento, mas ter o domínio sobre sua ação, saber utilizá-lo e aperfeiçoar o uso de acordo com as necessidades, sendo assim uma conquista social: “Os produtos da atividade do homem alteram o homem, e ele transmite essa alteração a seus descendentes ao ensiná-los a se comportar no mundo humano, que é o mundo transformado pelo trabalho” (PALOMINO, 2011, p. 7).

Bakhtin (2003) ainda salienta a importância de se perceber que os discursos, os enunciados são repletos de palavras dos outros, pois são frutos da percepção e da bagagem cultural do homem que o transmite na comunicação real, concretizada nos gêneros do discurso. Por isso, os enunciados possuem autor e destinatário, “[...] cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero” (BAKHTIN, 2003, p. 301).

Para Silva (2004), além do caráter social e comunicativo, os gêneros textuais são considerados um instrumento de ensino e aprendizagem, sendo assim, os denomina de gêneros escolares, transpostos por meio da didática. Ao organizar o trabalho pedagógico, o professor, com o uso dos gêneros em sala de aula, propicia ao aluno a vivenciar a linguagem presente nos vários gêneros existentes. Desta forma, assume um caráter plurifuncional, no qual como instrumento de ensino é capaz de guiar e desenvolver as futuras ações do aluno.

Para Silva (2004, p.26), transpor um gênero didaticamente ao ambiente escolar é dar a oportunidade ao aluno de entrar em contato com uma linguagem real, vivenciar no ambiente escolar os gêneros praticados no ambiente social: “[...] transpor requer um planejamento que seja aplicado em sequências didáticas previamente pensadas”, ou seja, cabe ao professor adequar a situação escolar aos objetivos da aula para que se tenha êxito.

Silva (2004, p. 27) afirma que antes de escolher um gênero o professor deve “[...] considerar as necessidades sociais, as competências já desenvolvidas pelos alunos”. Por isso, a necessidade de um planejamento pedagógico intencional, como o sugerido por

Gasparin (2012) e que se faz mediante a contemplação de cinco passos: prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final.

Nesta perspectiva, Saviani (2000) enfatiza que o primeiro passo deve ser a ‘prática social comum’ do qual participam professor e aluno a fim de articular a prática pedagógica com o contexto social no qual os alunos estão inseridos. O segundo passo consiste na ‘problematização’ do conteúdo, sendo que procura-se neste momento pedagógico detectar as questões que necessitam ser resolvidas e o conhecimento que é necessário dominar. A seguir, o docente deverá ‘instrumentalizar’ o aluno por meio de elementos teóricos e práticos para que o mesmo possa equacionar os problemas detectados inicialmente e alcançar o processo de “catarse” – que seria a incorporação dos elementos culturais que permitirá ao aluno transformar o meio social pela prática social. Este método consiste em levar o aluno da síntese à síntese por meio da mediação da análise. Para Saviani, (2000, p. 77):

Dado o caráter da educação como mediação no seio da prática social global, a relação pedagógica tem na prática social o seu ponto de partida e seu ponto de chegada, resulta inevitavelmente concluir que o critério para se aferir o grau de democratização atingido no interior das escolas deve ser buscado na prática social (SAVIANI, 2000, p. 77).

Assim, o educador deve ter uma visão sistematizada acerca do ponto de partida, dos objetivos que pretende alcançar e dos meios que serão utilizados para atingir o objetivo de levar o aluno da síntese à síntese. Percebe-se até o momento na pesquisa a existência da relação dialética entre as contribuições da Literatura para o desenvolvimento humano e a formação dos gêneros discursivos advindos do contato histórico-social do homem pelo trabalho.

No intuito de observar em sala de aula a leitura crítica dos alunos de um dos gêneros clássicos representativos da Literatura Brasileira, a fim de verificar nas respostas a percepção dos alunos dos diferentes determinantes presentes no poema, foi realizada a atividade de leitura que será pormenorizada na próxima seção. A leitura do poema possui a intencionalidade de promover a reflexão dos estudantes e suas atitudes do cotidiano, a fim de que os alunos possam alcançar a superação da alienação promovida pela leitura inconsciente e rotineira dos textos.

TESTE DE LEITURA CRÍTICA: POEMA

Os integrantes do OBEDUC composto por docentes bolsistas, alunos da graduação e da pós-graduação compuseram três equipes responsáveis por elaborar unidades

didáticas para cada instituição de ensino de forma a trabalhar o conteúdo com ênfase na leitura crítica dos textos selecionados. Em média cada unidade didática foi realizada em doze aulas. Após os trabalhos desenvolvidos com as unidades didáticas em sala de aula, os alunos participantes foram submetidos a uma atividade de leitura crítica. A aplicação da atividade possui o objetivo observar a leitura dos alunos de forma a identificar as intencionalidades dos discursos na forma de determinantes, tais como: político, religioso, econômico, social, psicológico, cultural, histórico, afetivo, ideológico, etc.

Lembrando que no momento do planejamento das aulas, os docentes receberam orientações para a práxis que contemplasse o conhecimento dos alunos dos diferentes determinantes. Assim, sempre que necessário, durante o trabalho em sala de aula com o conteúdo, o docente dialeticamente com o aluno discutiria as possíveis dimensões presentes nos textos lidos, no intuito de criar no aluno o ato de ler criticamente o texto, de forma que o estudante possa fazer conexões entre o que se lê e as intenções do autor do texto, e as mensagens que estão presentes na leitura. Desta forma, o aluno não mais fará uma leitura fragmentada do contexto vivenciado. A leitura mais completa do texto possibilitará que o estudante passe a visualizar a totalidade das informações para a compreensão do texto, de forma a utilizar os conhecimentos das leituras anteriores, o conhecimento do contexto de produção, da situação vivenciada, para somente assim compreender o que se lê. Neste contexto a atividade foi realizada com os alunos e teve a duração de uma aula de 50 minutos.

A atividade desenvolvida baseou-se na leitura do poema “A morte do leiteiro” de Carlos Drummond de Andrade. Nesta atividade, a pesquisadora leu para os alunos o poema e os estudantes acompanharam a leitura com o texto escrito em mãos. Após a leitura, a pesquisadora pediu que os alunos identificassem os determinantes do discurso presentes no poema. Em seguida, foi pedido aos participantes que apontassem as frases que embasaram a escolha dos determinantes. Para finalizar a atividade, os estudantes deveriam justificar com as próprias palavras os determinantes selecionados de forma crítica. O quadro 01 demonstra os determinantes apontados pelos alunos do poema “A morte do leiteiro” de Carlos Drummond de Andrade. O determinante político foi o mais apontado pelos estudantes, sendo 13 apontamentos dos alunos do 8º ano e 20 dos alunos do 9º ano escolar.

Quadro 01 – Determinantes apontados pelos alunos participantes no poema “A morte do leiteiro” de Carlos Drummond de Andrade

Alunos do 8º ano		Alunos do 9º ano	
Qtde	Dimensões	Qtde	Dimensões
13	Políticas	20	Políticas
9	Sociais	11	Sociais

8	Econômicas	4	Históricas
7	Afetivas	3	Econômicas
5	Psicológicas	3	Psicológicas
1	Histórica	2	Étnicas
		1	Cultural
		1	Afetiva

Fonte: A autora.

Todas as dimensões apontadas pelos alunos do 8º ano escolar também o foram pelos alunos do 9º ano escolar. Já os alunos do 9º ano identificaram no poema os determinantes: cultural e étnico; além dos determinantes: políticos, sociais, históricos, econômicos, psicológicos, afetivo.

O cultural advém, segundo os alunos, do hábito exposto no poema trabalhado, no qual o leiteiro leva o leite na casa das pessoas, uma cultura que atualmente quase não está mais presente na realidade social das cidades. Este fato foi enfatizado na fala dos alunos durante a aplicação da atividade, com frases do tipo: “*nossa!!! Antes entregavam na porta de casa, se fizer isso hoje alguém leva embora, rouba*”.

Sobre o determinante étnico, percebe-se no diálogo dos alunos, em sala de aula com a pesquisadora, que o termo étnico foi confundido com o termo ética. Os alunos se referiram à falta de “*étnica*” do homem assassino, quando na realidade queriam dizer “*a falta de ética do homem*”. Este fato revela a carência dos conceitos entre os estudantes e a falta de leituras anteriores sobre ambos os termos, o que resultou na compreensão errônea do determinante.

Dentre as frases destacadas pelos alunos participantes, expostas abaixo no quadro 02, a maioria destaca as características do leiteiro, tais como: “*sua lata, suas garrafas e seus sapatos de borracha*”, características da profissão de leiteiro, “[...] *matei um inocente*”, era apenas um trabalhador na madrugada, “*meu leiteiro tão sutil de passo maneiro e leve*”, pessoa que só queria exercer a profissão sem atrapalhar o sono das pessoas, presentes os apontamentos dos alunos: AC, AD, AI.

Quadro 02 – Frases destacadas pelos alunos participantes do poema “A morte do leiteiro” de Carlos Drummond de Andrade

Fragmentos do poema “A morte do leiteiro”	
Aluno AA:	Há muita sede no país
Aluno AB:	...] leite, sangue...
Aluno AC:	Sua lata, suas garrafas e seus sapatos de borracha
Aluno AD:	Meu Deus, matei um inocente.
Aluno AE:	Bala que mata gatuno também serve para furtar a vida de nosso irmão
Aluno AF:	Os tiros da madrugada liquidaram meu leiteiro
Aluno AG:	Há pouco leite no país
Aluno AH:	E já que tem pressa, o corpo vai deixando à beira das casas uma pequena mercadoria.
Aluno AI:	Meu leiteiro tão sutil de passo maneiro e leve.

Aluno AJ: A vida de nosso irmão.
Aluno AK: ai correndo distribuindo leite bom pra gente ruim.
Aluno AL: Quem quiser que chame médico, polícia não bota a mão.

Fonte: A autora.

A dimensão social pode ser explicada por frases destacadas por um aluno que expressou: “*Há muita sede no país*”, e por outro aluno que disse: “*Há pouco leite no país*”. Relatos que demonstram, segundo os alunos, uma carência de condições básicas para a população, como a água, a comida. A dimensão política no caso do poema envolve tanto as carências da população como, também, o fator da violência que são lembradas pelos alunos: “*os tiros da madrugada liquidaram meu leiteiro*”; “*quem quiser que chame médico, polícia não bota a mão*”. As outras dimensões são passíveis de se perceber nos trechos de registro de falas dos alunos participantes: “*a vida de nosso irmão*”; “[...] *deixando à beira das casas uma pequena mercadoria*”; “*meu Deus, matei um inocente*”; “*ai correndo distribuindo leite bom pra gente ruim*”.

No quadro 03, abaixo, as justificativas para as dimensões se limitaram a expressões de descontentamento com a violência, com a política e com a falta de entendimento do poema por uma grande parte dos alunos. Por isso, muitos indicam a dimensão, escolhem versos no poema, mas não conseguem relacionar a frase com a dimensão, e ou ainda, não conseguem definir o conceito que a dimensão proporciona, e assim a compreensão é limitada a reprodução do que já está presente no texto, a cópia de trechos.

Quadro 03 – Comentários dos alunos participantes do poema “A morte do leiteiro” de Carlos Drummond de Andrade que justificam as dimensões citadas por eles na atividade

Dizeres dos alunos sobre o poema “A morte do leiteiro”
Aluno AA: Porque não investe no que precisa.
Aluno AB: Porque fala de sangue, guerra...
Aluno AC: Não sei explicar, eu olhei e acho que é isso.
Aluno AD: Porque ele fala que matou um inocente.
Aluno AE: As dimensões que percebo são, pelo fato de se relacionar com história e acontecimento verdade.
Aluno AF: É uma dimensão política porque os políticos não tiram da rua gente má que derrama sangue inocente.
Aluno AG: Problema social que afeta toda sociedade.
Aluno AH: É uma história real e triste.
Aluno AI: A sociedade está assim VIOLENTA!

Fonte: A autora.

A falta de compreensão do poema pode ser observada no comentário de um aluno que representa a fala de outros alunos participantes, na qual diz: “*não sei explicar, eu olhei e acho que é isso*”. Para a dimensão política, as falas dos alunos AA e AF quando dizem “*porque não investe no que precisa*” e “[...] *não tiram da rua gente má que derrama sangue inocente*”, a política seria responsável pela ordem social mediante investimento. Já a

dimensão social fica evidente na fala de outro aluno: “*problema social que afeta toda sociedade*” quando se refere a violência; já outro aluno diz: “*porque fala de sangue, guerra...*” que remete novamente a violência; outro aluno expõe ser: “[...] *uma história real e triste*”, quando relaciona a violência presente no poema que é uma linguagem literária, fictícia, mas que para o aluno é um reflexo da violência presente na sociedade atual e um aluno resume dizendo que: “*A sociedade está assim VIOLENTA!*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura possibilita ao ser humano não somente produzir conhecimentos que serão utilizados como herança cultural, mas essencialmente contribui para a formação humana. O entendimento do que é Literatura necessita romper com uma visão cotidiana da realidade social, ou seja, romper com a visão alienada de manutenção do sistema capitalista, no intuito de superação da dependência para a libertação enquanto ser social.

O trabalho educativo com a obra literária não pode ser um exercício reprodutivo, mas criativo e emancipador. Por isso, a metodologia de ensino precisa estar atrelada a uma corrente teórica que prioriza a aprendizagem por meio da dialética. Sendo o professor o mediador do saber, aquele que organiza e sistematiza o ensino de forma a encaminhar o aluno ao aprofundamento dos conhecimentos científicos.

O trabalho com os gêneros textuais em sala de aula possibilita aos alunos desenvolver o domínio sobre as estruturas relativamente estáveis de cada gênero. Desta forma, os estudantes poderão ter uma visão mais ampla dos discursos e compreender melhor as intencionalidades que cada texto venha a trazer. Quanto mais leitura o aluno possuir, mais compreensão crítica sobre a realidade social terá (REZENDE, 2009).

Percebe-se nos resultados das leituras dos alunos sobre o poema, que a maioria dos discentes elegeu os determinantes de acordo com as principais temáticas apresentadas no poema de forma correta. Inclusive, as frases destacadas por eles apresentam grande relação com a escolha dos determinantes. No entanto, observa-se que muitos alunos ainda possuem uma leitura reprodutiva, ao descrever partes do texto como justificativa pessoal para os determinantes. Apenas uma parte conseguiu demonstrar um posicionamento diferencial dos demais, mesmo assim, de forma menos elaborada. Pode-se inclusive dizer que os alunos realizaram uma leitura ingênua, já que não conseguem compor justificativas condizentes com um conhecimento mais científico.

O trabalho docente com atividades de leitura crítica possibilita a reflexão do aluno para temáticas presentes no cotidiano. Desvelar as intencionalidades dos discursos podem ser consideradas atitudes que venham a superação da alienação que o sistema social vigente estabelece. Portanto, percebe-se a necessidade de mais trabalhos docentes com a leitura crítica como o realizado nesta pesquisa a fim de proporcionar a apropriação de conceitos mediante o ensino dos conteúdos científicos, ao mesmo tempo promover a inter-relação entre o conteúdo e a realidade vivenciada pelos estudantes de forma significativa, para que se possa desenvolver a leitura crítica dos alunos.

LITERATURE EVERYDAY OF OVERCOMING

ABSTRACT: The research is an excerpt of the dissertation of the Master of Education, in which the author investigates the contributions of literature and the use of genres for critical reading of students of elementary school phase II. The theoretical basis on which this work is based is the Historical and Dialectical Materialism. Participants are students of the 8th and 9th grades three educational public institutions in northern Paraná. After working in the classroom with intervention projects in reading process, drawn up by members of OBEDUC project / UEL Education, students were invited to read a poem and identify the different determinants in the text and critically justify your choices. It can be seen in the analysis of critical reading tests that the students have a naive reading of the poem, although they were able to identify the main determinants in the text.

KEYWORDS: Literature. Reading. Materialism.

LA LITERATURA COMO ACTIVIDAD INVESTIGATIVA PARA LA SUPERACIÓN DE LA VIDA DIARIA

RESUMEN: La investigación es un extracto de la tesis de la Maestría en Educación, en la que el autor investiga las contribuciones de la literatura y el uso de géneros para la lectura crítica de los estudiantes de la escuela primaria de fase II. La base teórica que subyace en la obra es el Materialismo Histórico y Dialéctico. Los participantes son estudiantes del octavo y noveno grados tres enseñanza de las instituciones públicas del norte de Paraná. Después de trabajar en el aula con proyectos de intervención en lectura, elaborado por miembros del proyecto OBEDUC / UEL Educación, se pidió a los estudiantes a leer un poema e identificar los diferentes factores determinantes en el texto del discurso y justificar críticamente sus opciones. Se puede observar en el análisis de las pruebas de lectura crítica que los estudiantes tengan una lectura ingenua del poema, a pesar de la identificación de los principales factores determinantes en el texto.

PALABRAS CLAVE: Literatura. Lectura. Materialismo.

REFERÊNCIAS

- ADOLFO, S. P. Literatura e visão de mundo In: REZENDE, L. A. (org.) *Leitura e visão de mundo: peças de um quebra-cabeça*. Londrina: EDUEL, 2007, p. 25-36.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CANDIDO, A. A. literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, A. A. Textos de intervenção; seleção apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: Duas cidades. ed. 34, 2002. Coleção Espírito Crítico. p. 81-90.
- CANDIDO, A. A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. Disponível em: <http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2015.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FERREIRA, N. B. de P. DUARTE, N. Literatura e Educação: uma análise marxista. Cadernos de Campo. N.13, p. 125-136, 2010. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5141>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- GASPARIN, J. L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 5. ed. Ver. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- LUKÁCS, G. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS, G. *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, A. P. MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- PALOMINO, R. H. *O Círculo de Bakhtin e a psicologia de Leontiev: contribuições para uma interpretação do conceito de gêneros discursivos*. CASA – Cadernos de Semiótica Aplicada. Vol.9, n.1, p. 1-18. julho/2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/view/4418>>. Acesso em: 15 jan. 2015.
- REZENDE, L. A. *Leitura e formação de leitores vivências teórico-práticas*. Londrina: Editora EDUEL, 2009.
- RIZO GARCÍA, M. G. S. Sociabilidad e Interacción. Aportes a la ciencia de la comunicación. *Revista Cinta de Moedio*. Universidad de Chile: Santiago, p.43-60, diciembre, 2006. Disponível em: <www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve>. Acesso em: 28 out. 2014.
- SAVIANI, D. *Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. 33.ª ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2000.
- SILVA, T. T. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: 1999.
- SILVA, F. C. F. *Contos de fadas nas aulas de espanhol como Língua Estrangeira*. 2004. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2004.

Disponível em:
<http://educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaEspanhola/Dissertacoes/disflavia.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2015.

VIGOTSKI, L. S. *Formação Social da mente*. São Paulo: Martins Editora, 2010.

Recebido em julho de 2015.

Aprovado em abril de 2016.